

Feminismo, música e o ensino de música: algumas reflexões

Michelle Caroline Dias Cardoso
Universidade Federal do Piauí
carolineadeline1@hotmail.com

Adriana Pereira da Silva Santos
Universidade Federal do Piauí
adrianap.ss@hotmail.com

Mayara de Brito Ferreira
mayaraferreira@ufpi.edu.br

Introdução

A Música e seus ensinamentos estão sendo cada vez mais estudados e debatidos, e dentro desses debates a música surge se relacionando como fator social a diversos temas sociais presentes na nossa sociedade. Como é o caso da relação da música com a discussão sobre o feminismo e sobre a questão de gênero. Dentro desse contexto as relações que a música cria estão imbricadas com o contexto social em que ela se encontra, por isso vale a pena debater sobre o ensino de música e sua relação com as principais discussões sociais que o feminismo vem se propondo a fazer.

O feminismo é um movimento social que luta pela igualdade dos gêneros. Busca desconstruir estruturas naturalizadas na sociedade quanto as diferenças de sexo e de gênero; luta pelos direitos da mulher como por exemplo do direito ao voto, ao trabalho e a equidade de salário, o respeito pela mulher, a luta ao femínicídio¹ e a violência contra a mulher, e outros.

O tema sobre o feminismo e a mulher vem sendo debatido em diversos contextos de estudo, e dentro da área de educação musical já surgem trabalhos que debatem e questionam o tema relacionando a área.

O trabalho surgiu do interesse sobre o tema do feminismo relacionando então à educação musical. O tema de estudo sobre o Feminismo já era comum ao interesse das três autoras, mas a construção de escrever e debater sobre esse conceito junto a educação musical

¹Femínicídio é um termo de crime de ódio baseado no gênero, definido como o assassinato de mulheres em contexto de violência doméstica ou em aversão ao gênero da vítima.

veio donosso encontro como professora e alunas na disciplina Fundamentos da Educação Musical do curso de Música da Universidade Federal do Piauí, no ano de 2020. Ali nas aulas online o debate veio sendo discutido coletivamente e a partir de um trabalho da disciplina nos unimos para construir esse texto.

Dentro do debate em sala pudemos refletir sobre a mulher na música, a educação musical e sua responsabilidade social na equidade de gênero, a questão de definir lugares de poder na música, o preconceito por exemplo com mulheres que tocam instrumentos musicais mais “masculinos” ou mais “femininos” (como batedeira e baixo, flauta e canto), os padrões questionáveis de diferenças de gênero na música, e outros.

Diante disso o trabalho buscou construir um caminho de reflexão através das seguintes questões: como a educação musical se relaciona com o feminismo? Como o ensino de música está inserido no debate sobre mudanças quanto as diferenças de gênero e o feminismo?

O texto tem como objetivo fazer uma reflexão acerca da relação do ensino de música e o debate sobre o feminismo, levantando questões como desigualdade de gênero e como ela se dá e é mantida nos dias atuais, principalmente no meio musical, e refletir sobre a presença da mulher na música.

Esse texto se justifica pela importância do debate quanto ao envolvimento da educação musical na mudança social, busca trazer uma reflexão de como o ensino de música pode se relacionar ao contexto social que estamos inseridos e de como esse ensino, como formador de cultura, pode construir bases e promover informações quanto a ruptura de pontos a serem revistos na nossa sociedade. Se justifica também pela importância da aproximação do contexto musical aos debates sociais que estão sendo feitos atualmente em prol de uma sociedade mais humana e com o respeito ao outro, como é o caso da proposta do feminismo.

A metodologia utilizada para esse trabalho é caracterizada pela revisão bibliográfica e discussão textual, onde coletamos e analisamos alguns textos que traziam referências para o debate com temas como a música e o feminismo, a educação musical e gênero, e outros.

O texto está dividido em duas partes: na primeira parte trazemos o conceito sobre o que é feminismo e gênero, e na segunda parte relacionamos o feminismo e a questão da mulher com a música e o ensino de música.



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020



Feminismo e gênero: uma breve trajetória histórica e conceitual

O feminismo é um movimento social que se originou na Inglaterra no século XIX, gerado por mulheres e de caráter agregador ele luta contra uma sociedade desigual e propõe uma análise crítica social através das diferenças de gênero.

No Brasil, o feminismo ganhou força com o movimento das sufragistas, que lutavam pelo direito ao voto para as mulheres. “Durante muito tempo o direito de votar foi entendido como um privilégio de poucos, e estes poucos sendo exclusivamente do gênero masculino, brancos e possuidores de bens” (KARAWEJCZYK, 2014, p. 69). Considera-se que o movimento no Brasil surgiu no Rio de Janeiro em 1917, através de uma passeata realizada por 87 *sufrajetes*. Essa passeata foi liderada pela professora Leolinda Daltro, e reivindicava o direito ao voto para as mulheres. Esse direito ao voto foi conseguido no ano de 1932.

Segundo Aguiar (1997) a antropóloga Margaret Mead (1901-1978) pode ser considerada uma das precursoras que tratou o conceito de gênero e as relações que nele se baseiam. Mead conclui que a diferença disseminada entre homens e mulheres é culturalmente produzida e não necessariamente da ordem da natureza. Ela problematiza, através de seus estudos, as ideias fixas de feminilidade e masculinidade exemplificando que esses termos e suas simbologias possuem significados diferentes de acordo com a cultura inserida.

Simone de Beauvoir² talvez tenha sido uma das primeiras autoras a sustentar que a expressão ‘mulher’ é uma categoria socialmente construída, e que devemos desconfiar de categorias fixadas na natureza. É com base nesse pensamento que Beauvoir escreve uma das frases mais citadas pelas feministas em diferentes momentos, presente em seu livro “O segundo sexo (1949): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Em 1975, no texto “O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo” da antropóloga Gayle Rubin, a autora usa o conceito de gênero referindo-se à diferença sexual. A partir disso, pensa-se sobre a diferenciação dos termos sexo e gênero, sendo o termo sexo vinculado à biologia, como uma categoria para a diferença entre o feminino e o masculino, designados pela natureza e pensados como elemento fixo; e gênero, vinculado às ciências humanas e sociais, para construção cultural de homem e mulher, portanto variável.

² Simone de Beauvoir (1908 - 1986): foi uma escritora e filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Beauvoir teve uma influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista.

Podemos perceber que o termo adquire outros sentidos também, passando a desvelar que as construções de masculinidade e feminilidade surgem na articulação com outras diferenças: de raça, classe social, nacionalidade, idade; e que essas afetam todos os corpos: homens, mulheres, travestis e transexuais.

Então, cada cultura constrói e adjetiva as diferenças entre os sexos, assim impondo o “mais fraco” (dependente) e o “mais forte” (dominante), com leis e costumes a serem seguidos causando relações de submissão, além de desigualdades nos direitos e no acesso. Essas estruturas sociais formam o que deu se o nome de patriarcado, onde é exaltada a dominação masculina sobre a feminina, com prestígios, hierarquia e discriminações.

A sociedade tem associado o masculino à razão, conhecimento, força, criação e ao feminino à delicadeza, fraqueza, ao emocional. A partir das associações dessas características aos gêneros foram construídos cultural, histórica e socialmente os deveres que homens e mulheres devem cumprir (PAGES; WILLE, 2017, p. 12).

Colocadas essas questões conceituais vamos a seguir buscar traçar um paralelo com a relação da mulher na música e no ensino de música.

A mulher, o feminismo, a música e o ensino de música

Por causa dessa diferença de papéis sociais do homem e da mulher, no contexto histórico social ocidental, durante muito tempo a mulher não tinha o mesmo acesso que o homem à música. O fazer musical como atividade pública era uma prática quase exclusivamente dos homens, as mulheres eram proibidas nos rituais litúrgicos por exemplo e até mesmo as vozes femininas do coro eram cantadas por meninos e homens em falsete (COELHO; SILVA; MACHADO, 2017).

Nesse sentido também o ensino de música era previsto apenas para mulheres das classes mais altas e a prática musical era determinada e incentivada apenas no âmbito doméstico, e para as mulheres essa prática musical se restringia a entreter os convidados em pequenas reuniões e agradar aos maridos (COELHO; SILVA; MACHADO, 2017). Essa construção histórica causou uma predominância masculina em lugares de destaques na música, como na área de composição, regência ou como instrumentistas renomados, como também um acesso restrito do contato e das práticas musicais às mulheres.



É muito comum se ouvir falar da inexistência ou, ao menos, da irrelevância da mulher no cenário da composição musical no meio erudito da música ocidental. Também não se observa uma quantidade expressiva de mulheres no campo da regência orquestral ou coral, da teoria musical ou da musicologia (MELLO, 2007, p. 1).

Contudo, percebe-se que muitas mulheres estão se integrando a espaços musicais, tanto de práticas músicas quanto de ensino de música, e as mudanças sociais acompanham as mudanças junto a música e a educação musical. A música também passa a estar vinculada aos movimentos sociais a partir do século XX, diretamente ligada aos processos políticos da época, estabelecendo uma relação maior entre Música, política e movimentos sociais.

Anne-Marrie Green (1987, p. 88) escreve em um de seus trabalhos que “a presença da música em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado” (apud SOUZA, 2004, p.7). Portanto a música se integra aos movimentos sociais no momento em que passa a expor e criticar um determinado contexto histórico de opressão e/ou desigualdade a que determinados indivíduos estão submetidos, com o objetivo de trazer o olhar da sociedade ou se expressar diante dos acontecimentos. Um exemplo são músicas com letras, melodias e harmonias carregadas de mensagens de liberdade e igualdade e que buscam mobilizar e conscientizar sobre a importância dos direitos dos indivíduos na sociedade.

A luta feminista está muito presente no meio musical já que a música é um forte instrumento de comunicação capaz de exprimir ideias e criar uma ponte direta entre o artista e a população (GOMES; MELLO, 2007). Por isso, algumas compositoras e cantoras acabam levando causas sociais em suas músicas, exemplos aqui no Brasil como: Elza Soares, Ekena, Alice Caymmi, Larissa Luz, Karina Burh, Fernanda Abreu, Maria Beraldo, dentre tantas outras mulheres que sobem aos palcos. Muitas delas falam sobre a realidade específica das mulheres, questionando padrões estéticos, objetificação do corpo da mulher, denunciando assédios e violência, trazendo uma mensagem de liberdade e livre expressão. Assim, “a música é um campo de luta do movimento feminista, pois ela é uma das manifestações culturais mais próximas do cotidiano das pessoas” (GOMES; MELLO, 2007, p.1).

Podemos atestar que o universo musical feminino tem envolvido mulheres do meio político e/ou envolvidas com projetos que lutam contra a violência cometidas contra elas (femicídio, falta de equiparação salarial, preconceito de raça, cor e gênero, lesbofobia,



dentre outras minorias). Desse modo, as mulheres são representadas por um movimento confluyente no sentido de dar visibilidade e pôr em prática a valorização das mulheres, assim como músicas de denúncia e protesto.

Assim, podemos nos questionar: Como tem ocorrido propostas em favor da melhoria na igualdade de gênero dentro do contexto musical? Como discutir o feminismo nas aulas de música e no contexto de ensino de música? O que perpassa nosso ensino de música e a relação com o feminismo? São questões que nos levam a pensar e nos confrontam como professoras e alunas.

De acordo com Pages e Wille (2017, p.12) “se ignorados e não questionados por educadores musicais, esses conteúdos continuarão sendo transmitidos em suas aulas e na escola por mais gerações”. Já que a escola é um lugar de grande influência na formação de seus alunos, onde são transmitidos regras, valores e a própria cultura, assim, impondo como cada indivíduo deve agir na sociedade, acaba sendo um campo onde essas rupturas patriarcais e brechas podem ser colocadas e trabalhadas, e que podem também serem trabalhadas na aula de música.

Se consideramos a escola um lugar de transmissão de tais valores, também é o lugar para questioná-los e mudá-los, para que os valores transmitidos sejam de igualdade entre os gêneros feminino e masculino e que não sobressaiam os “deveres” associados a cada um dos gêneros (PAGES; WILLE, 2017, p. 12).

A educação escolar tem sido campo de embates em relação ao seu papel, tendo em vista a garantia do respeito à diversidade. A música, em particular, participa da construção de nossas ideias acerca de gênero e sexualidade, assim como de nossas identidades de gênero e de sexualidade. No entanto, a literatura da área de educação musical, especialmente a nacional, indica que ainda são escassos os dados sobre como os professores/as de música atuantes na educação básica percebem e têm lidado com a diversidade de gênero e sexualidade (WENNING, 2018, p. 8).

Então cabe a nós educadores musicais trazer à tona, destacar, refletir e discutir sobre o assunto e a cultura na qual estamos inseridos, dentro da sala de aula, e junto às aulas de música, podendo assim evitar que essas práticas sejam repetidas por nossos alunos.



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020



Considerações finais

O debate quanto ao feminismo e a busca de uma igualdade de gênero na sociedade é importante para entendermos como funcionam as estruturas que formam nossa sociedade, e nesse sentido a música e a escola estão diretamente ligados à esse cotidiano.

Percebemos que cada vez mais o tema sobre o feminismo e a valorização da mulher é debatido e a música não pode ficar de fora desse debate. A escola e os professores de música tem o papel de proporcionar essas rupturas em busca de uma menor desigualdade nas promoções de acesso e desenvolvimento aos meios musicais e de ensino de música, e o trabalho com as práticas musicais podem ser perpassadas com um olhar crítico sobre a questão de gênero e do feminismo.

Como mulheres envolvidas com música, ainda que essas sejam nossas condições impostas externamente sendo ditadas a maneira que devemos nos portar, devemos agir e temos que escolher o que somos capazes, assim como entender nossas aptidões. TANAKA diz que:

Se à mulher não é permitido fazer suas próprias escolhas (tocar o instrumento que quiser, ir onde deseja ir, estudar, cantar, vestir-se conforme seu gosto, escolher o credo, a orientação sexual que desejar e defender seus pares, etc.) é porque está sendo coibida e pressionada a não fazê-las [...] Sufocar um desejo ou vontade que surge por convicção será sempre um desrespeito ao livre arbítrio, à liberdade de expressão (TANAKA, 2018, p. 4).

Precisamos entender as necessidades e desejos da mulher, bem como deixá-la escolher o que mais lhe for propício, seja tocando instrumentos diversos como baixo, bateria, usando ferramentas tecnológicas, compondo, regendo, e outros espaços onde muitas vezes não existe uma visibilidade e representatividade feminina na música, ou dito “não pertencer” a mulher.

Devemos lutar por uma sociedade igualitária com os mesmos direitos e oportunidades, e sem o sentido de um sexo ser superior ao outro. E essa luta não é só das mulheres, mas é “uma luta que pertence a toda a humanidade; que integra as lutas democráticas, pela conquista da igualdade no gênero humano, assim como pertencem à humanidade como um todo as lutas anti-racistas em geral e as lutas pela preservação da

natureza e do meio ambiente” (DUPRAT, 2008, p. 4). Essa luta deve transpassar nossa sociedade, e a música e a educação musical não ficam de fora desse contexto.

Palavras-chave: Feminismo; Música; Educação Musical.

Referências

AGUIAR, Neuma. Gênero e ciências humanas: desafio as ciências desde as perspectivas das mulheres. Record: rosa dos tempos, v.5, Rio de Janeiro, 1997.

COELHO, M. P. & Vieira-Silva, M. As transformações nas corporações musicais de São João del-Rei e região: a participação feminina junto à música profana no século XX. In **Anais**, 10 Encontro de Produção Científica, São João Del-Rei- MG. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2012.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais. **Sempre tivemos mulheres no canto e nas cordas**. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922014000100009&script=sci_abstract&tlng=pt

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais. **Mulheres na música: histórias que se cruzam**. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000300005.

DUPRAT, Régis. **Fruição, sedução e produção: o papel da mulher na música**. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/11717/31582>.

KARAWEJCZUK, M. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**, 40 (1), 2014.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli; MELLO, Maria Ignez Cruz. **Relações de gênero e a música popular brasileira: um estudo sobre as bandas femininas**. 2007. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_R_CSGomes_MICMello.pdf.

MELLO, Maria Ignez Cruz. Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro. **Revista eletrônica de musicologia**, vol XI, UFPR, 2007. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMV11/14/14-mello-genero.html.

PAGES, Tamiê; WILLE, Regiana Blank. Educação Musical e Gênero: um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres. 2017. **Anais...** XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Manaus, 16 a 20 de outubro de 2017. Disponível em:



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020





<http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/paper/viewFile/2781/1481>.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004.

TANAKA, Harue. Mulheres na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora. **Revista Claves**, v. 2018, UFPB, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Thyago/AppData/Local/Temp/42277-Texto%20do%20artigo-102610-1-10-20181022-3.pdf>.

WENNING, Gabriela Garbini. Docência de música e a diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica. **Anais... XVIII Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical**. Santa Maria/RS - 26 a 28 de setembro de 2018. p. 1-19.



I Encontro de Educação Musical do Piauí:
Diálogos, culturas e desafios regionais
IV Semana da Música do IFPI
Universidade Federal do Piauí/ Instituto Federal do Piauí
Teresina/ Piauí – 23 a 27 de novembro de 2020

